



1º de maio de 2017, a última visita

Jorge Schwartz

Antonio Candido acompanhou o percurso de Oswald de Andrade desde os primeiros trabalhos, que resenhou em jornal. Mas também através de ensaios e nos vários depoimentos, palestras, programas de televisão e datas comemorativas, que culminaram na grande homenagem da Flip em 2011. Nas inúmeras conversas privadas a lembrança era permanente, sempre com graça e alegria, mesmo que fosse para falar da personalidade difícil de Oswald. Ao longo do tempo houve idas e voltas, todas elas registradas por Antonio Candido, mas a amizade e a mútua admiração se preservaram até e além da morte de Oswald, em outubro de 1954.

Com a obra completa sendo agora publicada pela Companhia das Letras, graças à iniciativa de Marília de Andrade, única filha viva do poeta paulista, surgiram novas propostas para cada um dos volumes desta nova coleção. As edições anteriores foram da Difel (Difusão Europeia do Livro), da Civilização Brasileira (as duas sob a coordenação de Antonio Candido, seu testamenteiro literário) e posteriormente da Editora Globo de

JORGE SCHWARTZ é professor titular de Literatura Hispano-Americana da Universidade de São Paulo e autor de, entre outros, *Vanguarda e Cosmopolitismo* (Perspectiva).

São Paulo, já por iniciativa do filho Rudá de Andrade, em 20 volumes publicados de 2002 a 2014.

Gênese Andrade, coordenadora junto comigo desta nova série, transcreveu uma das várias palestras sobre Oswald por ela gravada. Antonio Candido, ao ler a transcrição, achou que era coloquial demais; imediatamente trouxe do escritório um datiloscrito, que ele considerou já pronto para publicação. Pediu apenas alguns dias para fazer uma releitura. Semanas mais tarde, me entregou o datiloscrito “O Oswald de Andrade que eu Conheci”, com correções, pedindo delicadamente que as passasse a limpo. Quando o visitei novamente com o texto limpo, produziu outro datiloscrito, “Lembrando Oswald de Andrade”, muito semelhante, mas segundo ele, mais bem-acabado. Ambos tinham oito laudas cada e as diferenças eram mínimas. Entregou a segunda versão com correções, que seriam novamente passadas a limpo. Isso ocorreu na última visita feita ao Mestre, na tarde da segunda-feira, dia 1º de maio. Na sexta-feira recebi de Gênese a versão limpa, sem saber que no dia anterior ele fora internado com uma crise de saúde, que levaria ao desenlace dias mais tarde.

Na visita feita durante o feriado, acompanhado de Berta Waldman, a quem dava sempre um forte abraço na chegada e outro tão ou mais forte na saída, ele estava muito agasalhado. Era uma dessas tardes frias de São Paulo. Mesmo assim, continuou tirando de sua infinita memória lembranças que nós ouvíamos assombrados, por nunca tê-las ouvido anteriormente, ao longo dos quase 50 anos de convivência: ele como eterno Mestre, orientador de nossas teses, e nós como eternos alunos. Éramos a “meninada”, agora septuagenária, como ele gostava de chamar.

Rememorou naquela tarde uma das tantas malícias do Oswald: Otto Maria Carpeaux, o crítico austríaco, sofria de uma espécie de gagueira, e no final da fala era acometido por umas tosses compassadas, que ele imitou. Imitações magníficas, divertidíssimas, dos mais variados indivíduos (pessoalmente, acho que a de Ungaretti era insuperável). Voltando à gagueira e às tosses no final da frase: Oswald o apelidara por isso “Otto Rino Laringo Carpeaux Morse”. Maledicência de uma graça infinita, a exemplo de outras que tanto custaram em vida ao amigo Oswald.

Naquela tarde também rememorou e imitou mais uma vez a leitura que Oswald fazia da própria poesia. Embora de vanguarda, era imitada por Antonio Candido em tom de grandiloquência própria do bacharel das Arcadas, numa voz elevada e trêmula, comum ao século XIX, e que paradoxalmente nada tinha a ver com o espírito de modernidade do poema.

Poucas semanas antes, na penúltima visita, acompanhei Marília de Andrade. Ela tinha em mãos um documento assinado por Antonio Candido, depois da morte de Oswald, sobre os *Cadernos Confessionais*, ainda inéditos. Ele prometeu dar total apoio à publicação. Para minha surpresa, transcreveu *ipsis litteris* o documento por ele escrito mais de meio século antes, e copiou até a própria assinatura. No momento chamei a atenção para o fato de que a letra e a assinatura eram idênticas, como se o tempo não tivesse passado. Algo pouco menos que assombroso, para alguém quase chegando a fazer um século de idade. Cumpriu a promessa daquela tarde, enviando a Marília pelo correio o novo documento. Como sabemos, ele ia pessoalmente ao correio, e na semana anterior ao falecimento chegou até a ir ao banco.

Registro tudo isso, antes de eu mesmo esquecer rapidamente essas visitas, que sempre me sobrecarregavam de emoção. E, embora nas últimas ele continuasse em perfeito estado de saúde e de lucidez mental, meu medo era de que não houvesse mais uma nova visita.

Vendo os familiares e os amigos em volta, por ocasião do velório e da despedida final no cemitério Horto da Paz, per-

cebi que éramos todos seres reais. Mas que Antonio Candido pairava em outra esfera, a da transcendência. Um modelo a ser admirado incondicionalmente, mas impossível de ser imitado. Como disse a filha Ana Luisa Escorel, ele foi feito de um barro diferente da gente. E como observara Laura de Mello e Souza, a segunda das três filhas, o mundo continua, mas um mundo foi embora.

